



A FERAESP mantém canal aberto aos empregados assalariados rurais do estado de São Paulo e sindicatos.
Viu ou vivenciou alguma irregularidade no ambiente de trabalho ?

Denuncie em nossos canais de comunicação:
feraesp@feraesp.org.br
WhatsApp: (14) 99873-9557 ou em seu Sindicato.

A federação e os sindicatos irão orienta-los(a).

Destaque

**O Massacre de Haymarket:
quando o sangue operário fez
nascer o Dia do Trabalhador**
Pag. 3

Siga as redes sociais
da FERAESP



Inflação
Mês de referência: setembro de 2025
Últimos 12 meses

INPC: 5,10%
IPCA: 5,17%



FERAESP participa de seminário nacional sobre Reforma Trabalhista e fortalecimento da negociação coletiva



CONTAR comemorou seus 10 anos de vida

A Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo (FERAESP) participou, entre os dias 28 e 30 de outubro, do Seminário Nacional “Os impactos da Reforma Trabalhista e da conjuntura política atual nos direitos dos assalariados e assalariadas rurais e o fortalecimento da negociação coletiva no campo”, realizado em Brasília/DF.

SISTEMA DE ARRECADAÇÃO FERAESP

Sistema para emissão de guias sindicais para atender os sindicatos.

No qual, podem ser emitidas a Contribuição sindical, Confederativa, Assistencial e Mensalidade Social.

O sistema é gratuito para os sindicatos da categoria, através do site: www.feraesp.org.br no link “Sistema de geração de Guias”.

Para maiores esclarecimentos contatar o setor de arrecadação, através do e-mail: tesouraria@feraesp.org.br ou pelo telefone (14) 3879-5198.



INFORMATIVO FERAESP

EXPEDIENTE: Órgão informativo mensal da FERAESP - Diretoria Executiva
Federação dos Empregados Rurais Assalariados no Estado de São Paulo.

CNPJ: 58.998.915/0001-18

Rua Azarias Leite, 16-30. Vila Mesquita - CEP: 17014-400. Bauru/SP

Telefone: (14) 3879-5198 - WhatsApp (14) 99873-9557 - E-mail: feraesp@feraesp.org.br

Área Técnica: Cristiano Augusto Galdino - Corecon - 35802/SP

O encontro reuniu lideranças sindicais, pesquisadores e representantes de diversas entidades para debater os desafios enfrentados pelos trabalhadores e trabalhadoras rurais diante das transformações legais e políticas recentes.

A presença da FERAESP reforçou o compromisso da entidade com a defesa dos direitos trabalhistas, o fortalecimento da negociação coletiva e a valorização da categoria assalariada rural em todo o país.

Durante o evento, também foram realizadas atividades em comemoração aos 10 anos da CONTAR (Confederação Nacional dos Trabalhadores Assalariados e Assalariadas Rurais).



Entre os participantes estiveram representantes do DIEESE, da Oxfam Brasil, do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), além de congressistas e sindicalistas de diversas regiões do país.

A FERAESP foi representada por Aluísio José dos Santos Filho, secretário-geral; Rubens Germano, diretor de Finanças; Eduardo Porfírio, diretor de Formação; Cristiane Aparecida de Lima, diretora de Saúde e Segurança do Trabalho; e Gilson do Lago, diretor de Política de Desenvolvimento.

A participação da FERAESP nesse importante seminário reafirma o papel fundamental da federação na luta pela garantia de direitos, pela valorização dos(as) assalariados(as) rurais e pelo fortalecimento do movimento sindical no campo, contribuindo para a construção de um ambiente de trabalho mais justo, digno e democrático.

Por que o custeio sindical é essencial para os trabalhadores



Sem recursos, sindicatos perdem força para defender direitos, negociar melhores condições e oferecer serviços essenciais à classe trabalhadora.

A base da luta coletiva

O custeio sindical é muito mais do que uma contribuição financeira: é o alicerce que sustenta a luta e a organização dos trabalhadores. É por meio dele que os sindicatos conseguem manter suas atividades, representar categorias, promover negociações coletivas e garantir conquistas históricas, como férias, 13º salário, jornada de 8 horas e licença-maternidade.

Esses direitos, hoje considerados básicos, foram frutos de décadas de mobilização e enfrentamento — processos que exigem estrutura, pessoal qualificado e planejamento. Sem custeio, essa estrutura se enfraquece, e com ela, a voz do trabalhador.

O impacto da reforma trabalhista

Desde a reforma trabalhista de 2017, quando a contribuição sindical obrigatória foi extinta, muitos sindicatos viram suas receitas despencarem. A consequência direta foi a redução da capacidade de atuação: houve cortes em serviços jurídicos, suspensão de campanhas salariais e até fechamento de sedes.

Os mais prejudicados foram justamente os trabalhadores mais vulneráveis — rurais, temporários e terceirizados — que dependem fortemente do suporte sindical para enfrentar abusos e garantir o cumprimento das leis trabalhistas. A falta de recursos enfraquece a capacidade de negociação e abre espaço para a precarização das relações de trabalho, reduzindo o poder de resistência coletiva diante da pressão patronal.

Autonomia e liberdade sindical

Um sindicato com recursos próprios é uma instituição livre. Ele não depende de empresas, governos ou financiadores externos para funcionar. Essa autonomia é essencial para garantir uma atuação independente e combativa, capaz de fiscalizar irregularidades e denunciar práticas antissindicais. Por isso, o custeio sindical está diretamente ligado à democracia e à liberdade sindical — princípios reconhecidos internacionalmente pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). Sem custeio, não há independência; sem independência, não há representação efetiva dos trabalhadores.

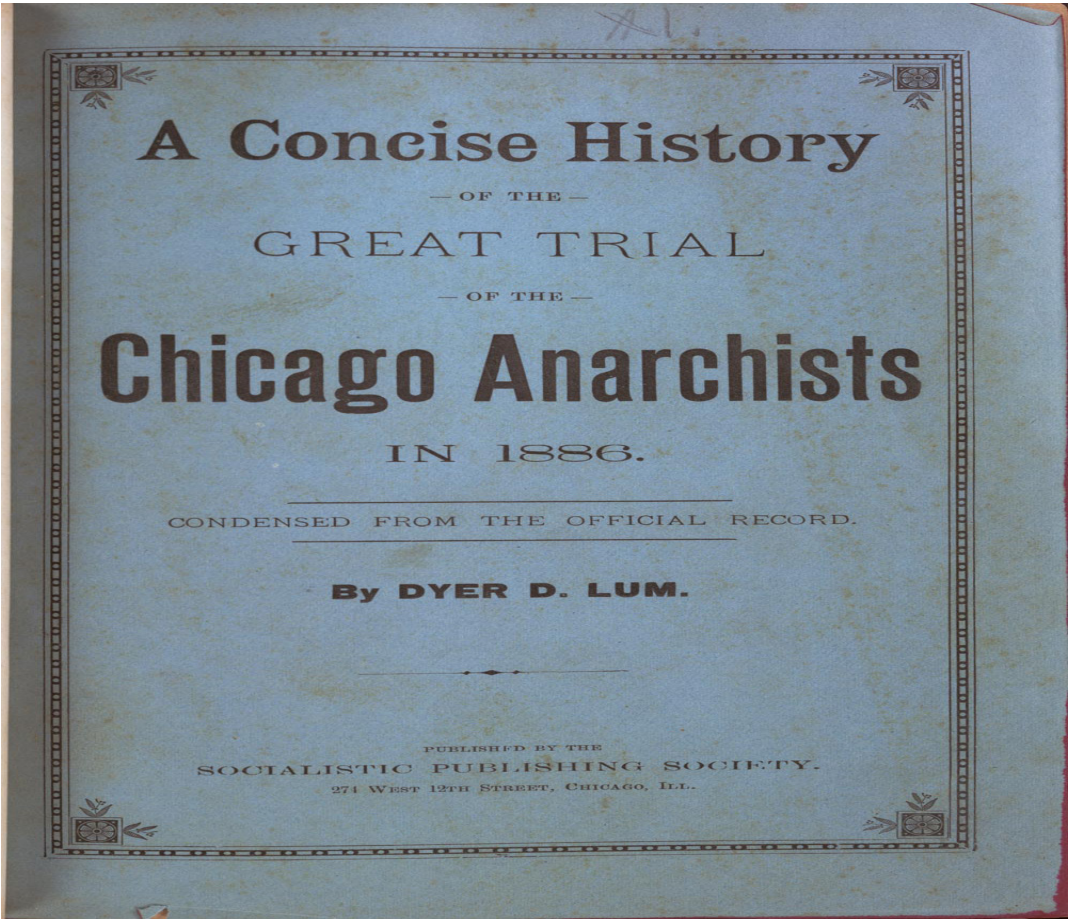
Serviços e benefícios diretos

Além das negociações e lutas coletivas, o custeio sindical garante serviços que beneficiam diretamente o trabalhador e sua família. Muitos sindicatos oferecem atendimento jurídico gratuito, assistência médica, cursos de capacitação, ações sociais e apoio em momentos de crise. Em muitas regiões, especialmente no campo, o sindicato é a única instituição presente e atuante, suprimdo a ausência do Estado e garantindo direitos básicos à população trabalhadora.

Investimento na própria categoria

Contribuir com o sindicato não é “pagar uma taxa”, mas investir na própria categoria. É garantir que exista uma entidade forte, preparada para defender direitos e reivindicar avanços. Em tempos de mudanças tecnológicas, terceirizações e novas formas de contratação, o papel do sindicato se torna ainda mais fundamental.

O Massacre de Haymarket: quando o sangue operário fez nascer o Dia do Trabalhador



Na segunda metade do século XIX, os Estados Unidos viviam uma profunda transformação industrial. O avanço das fábricas trouxe riqueza para poucos e miséria para muitos. Milhares de operários trabalhavam em condições precárias, em jornadas de até 16 horas por dia, sem descanso e sem direitos. Foi nesse contexto de exploração e desigualdade que ocorreu um dos episódios mais trágicos — e também mais marcantes — da história do movimento sindical: o Massacre de Haymarket, em Chicago, em 1886.

A luta pelas oito horas de trabalho

A ideia de limitar a jornada a oito horas diárias havia surgido na Inglaterra e se espalhava pelo mundo industrial. Nos Estados Unidos, o movimento operário crescia rapidamente, reunindo imigrantes europeus, socialistas e anarquistas que exigiam melhores condições de vida. O lema era simples e poderoso:

“Oito horas de trabalho, oito de lazer, oito de descanso.”

No dia 1º de maio de 1886, mais de 300 mil trabalhadores em todo o país aderiram à greve geral. Em Chicago — cidade símbolo da indústria americana — os protestos foram massivos e organizados. Por vários dias, marchas e discursos tomaram as ruas, pacificamente, mas sob forte repressão policial.

No dia 3 de maio, trabalhadores grevistas protestavam em frente à fábrica McCormick Harvesting Machine Company. A manifestação terminou em tragédia quando a polícia interveio violentamente, matando ao menos um trabalhador e ferindo vários outros, segundo registros da época. A indignação foi imediata, e os líderes sindicais convocaram um novo ato para o dia seguinte, na Praça Haymarket.

A explosão e o massacre

Na noite de 4 de maio de 1886, cerca de 2 mil pessoas se reuniram na Haymarket Square para denunciar a violência policial e reafirmar a luta por direitos. Sob uma leve chuva, líderes como August Spies e Samuel Fielden discursavam de maneira pacífica. O encontro já se dispersava quando um grande contingente policial avançou para dissolver o ato. Nesse momento, uma bomba foi lançada contra os policiais — até hoje não se sabe por quem. A explosão matou um agente instantaneamente e feriu dezenas. A polícia respondeu com tiros indiscriminados contra a multidão.

O resultado foi devastador: sete policiais mortos e vários civis mortos e feridos — estimativas variam entre quatro e oito operários mortos, além de dezenas de feridos. O episódio ficou conhecido como o Massacre de Haymarket e provocou uma onda de medo e repressão em todo o país.

A perseguição e o julgamento injusto

Nos dias seguintes, a polícia prendeu centenas de sindicalistas e militantes políticos. Oito líderes foram acusados de conspirar no atentado: August Spies, Albert Parsons, Adolph Fischer, George Engel, Louis Lingg, Michael Schwab, Samuel Fielden e Oscar Neebe.

Nenhuma prova concreta ligava os acusados à bomba, mas o tribunal — dominado por interesses empresariais e pela histeria antissindical — os considerou culpados.

Em 1887, quatro deles (Spies, Parsons, Fischer e Engel) foram enforcados, um (Lingg) suicidou-se na prisão, e os demais receberam longas penas. Antes de ser executado, August Spies deixou uma frase que atravessou gerações:

“Haverá um tempo em que o nosso silêncio será mais poderoso do que as vozes que vocês estrangularam hoje.”

A sentença provocou comoção internacional. Em poucos anos, o caso ficou conhecido em todo o mundo como um símbolo da luta por justiça e liberdade sindical.

O nascimento do 1º de Maio

Em 1889, o Congresso da Segunda Internacional Socialista, reunido em Paris, decidiu instituir o 1º de Maio como o Dia Internacional dos Trabalhadores, em homenagem aos “Mártires de Chicago”.

A data passou a ser comemorada mundialmente como um dia de luta e memória — lembrando que os direitos trabalhistas foram conquistados com sangue e coragem.

Nos Estados Unidos, entretanto, as autoridades tentaram apagar a lembrança do massacre, criando em 1894 um feriado alternativo, o Labor Day, celebrado em setembro.

Ainda assim, o 1º de Maio se tornou universal: de Moscou a Buenos Aires, de Paris a São Paulo, os trabalhadores passaram a homenagear os mártires de Haymarket como símbolos da resistência.

O legado de Haymarket

O Massacre de Haymarket não foi apenas uma tragédia. Foi o marco do nascimento da consciência de classe moderna e do reconhecimento da organização sindical como instrumento essencial de justiça social.

A conquista da jornada de oito horas, que parecia impossível em 1886, tornou-se lei em boa parte do mundo nas décadas seguintes. No Brasil, as primeiras greves operárias do início do século XX foram fortemente influenciadas por esse episódio. Imigrantes europeus trouxeram as ideias de solidariedade e ação coletiva inspiradas nos mártires de Chicago. Décadas depois, durante a ditadura militar, o exemplo de resistência continuou a ecoar nas lutas do sindicalismo brasileiro.

Uma memória que ainda fala

Mais de um século depois, o nome Haymarket continua vivo como alerta e inspiração.

Ele lembra que nenhum direito é concedido espontaneamente, que a liberdade sindical deve ser defendida todos os dias, e que a voz do trabalhador organizado é a base da democracia.

Os mártires de 1886 provaram com a vida que a dignidade humana não se negocia.

E, como disse Spies antes de morrer, “seu silêncio continua mais poderoso do que as vozes que foram estranguladas.”

Consulte mais em:

Encyclopaedia Britannica — “Haymarket Affair (1886)” e “Haymarket Riot.” Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Haymarket-Affair>
Library of Congress — “The Haymarket Affair.” Coleção de documentos originais e registros do julgamento. Disponível em: <https://www.loc.gov/>

Gilder Lehrman Institute of American History — “The Haymarket Affair, 1886.” Disponível em: <https://www.gilderlehrman.org/history-resources/spotlight-primary-source/haymarket-affair-1886>

History.com Editors — “The Haymarket Square Riot.” Disponível em: <https://www.history.com/this-day-in-history/may-4/the-haymarket-square-riot>
Chicago Historical Society / Illinois Labor History Society — arquivos e publicações sobre o legado dos Mártires de Chicago.

NOVEMBRO AZUL

- ☒ Pratique atividades físicas
- ☒ Mantenha uma alimentação saudável
- ☒ Evite bebidas alcoólicas
- ☒ Não fume
- ☒ Faça exames preventivos regularmente

FERAESP
FEDERAÇÃO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E RECREAÇÃO

A campanha Novembro Azul é uma iniciativa global para conscientizar homens sobre a importância de cuidar da saúde, com foco especial na prevenção e diagnóstico precoce do câncer de próstata.

- Estima-se que para o triênio 2023-2025 o Brasil tenha cerca de 71.730 novos casos por ano de câncer de próstata. Esse tipo de câncer corresponde a cerca de 30% dos casos de câncer em homens (excetuando os de pele não-melanoma) no país.
 - Em 2021, foram aproximadamente 16.300 óbitos de homens por câncer de próstata no Brasil, o que representa cerca de 13,5% das mortes por câncer em homens.
- Fatores de risco e populações de atenção
- A idade é o principal fator de risco: a incidência aumenta significativamente a partir dos 50 anos, e cerca de 75% dos casos novos no mundo ocorrem em homens com 65 anos ou mais.
 - Histórico familiar (pai ou irmão com câncer de próstata) e etnia também são fatores importantes. Homens negros têm incidência e mortalidade mais elevadas.
 - Estilo de vida: obesidade, sedentarismo, alimentação rica em gorduras saturadas, etc., são associados a maior risco.

Dados do Instituto Nacional do Câncer (INCA)